

editora



na edição

a revista de divulgação da Editora UEMG ano 1, n. 0, 2024



O futuro da edição acadêmica

Convidamos Germana Barata (Unicamp) e Amanda Ramalho (SciELO Livros) para falarem sobre os rumos das revistas e livros científicos

- + Como escrevo um artigo científico? Por Ana Elisa Ribeiro
- + Cinco livros para conhecer mais sobre edição
- + Desafios para o Século XXI: coleções para uma reflexão sobre a contemporaneidade



Imagens de capa e miolo por Unsplash. Disponível em: <https://unsplash.com/pt-br>.

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Lavinia Rosa Rodrigues
Reitora

Thiago Torres Costa Pereira
Vice-reitor

Raoni Bonato da Rocha
Chefe de Gabinete

Silvia Cunha Capanema
Pró-reitora de Planejamento, Gestão e Finanças

Vanesca Korasaki
Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação

Michelle Gonçalves Rodrigues
Pró-reitora de Graduação

Moacyr Laterza Filho
Pró-reitor de Extensão

Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais (EdUEMG)

Conselho Editorial

Thiago Torres Costa Pereira | UEMG

Amanda Tolomelli Brescia | UEMG

Ana Elisa Ribeiro | CEFET-MG

Fuad Kyrillos Neto | UFSJ

Moacir Henrique Júnior | UEMG

Ynaê Lopes dos Santos | UFF

Thiago Torres Costa Pereira
Editor-chefe

Gabriella Nair Figueiredo Noronha Pinto
Coordenadora administrativa e editorial

Expediente

Antônio de Andrade e Tainá França Verona
Revisão

Thales Santos
Projeto gráfico e diagramação



Todo o conteúdo desta publicação, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença pública Creative Commons 4.0 Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações. Direitos desta edição reservados à Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais.

EDITORA AFILIADA



APOIO



FAPEMIG



Esta revista possui *hiperlinks* em endereços eletrônicos para acesso de conteúdo adicional, como referências ou publicações *on-line*, além de *links* no sumário e títulos, que levam diretamente para a seção correspondente.

na edição:

Editorial 04

Editora UEMG pela Reitoria 06

15 anos da Editora UEMG:
um olhar para o futuro 08



Edição de livros acadêmicos:
um universo de técnica,
empenho e afeto 12
Gabriella Noronha



Como escrevo um
artigo científico? 15
Ana Elisa Ribeiro

Cinco livros para conhecer
mais sobre edição 21



As revistas científicas e o diálogo
entre ciência e sociedade 24
Germana Barata



O futuro do livro digital,
o livro digital do futuro 28
Amanda Ramalho

Desafios para o Século XXI:
coleções para uma reflexão sobre
a contemporaneidade 35

A Feira do livro de acesso aberto 38

Se no campo “convencional” do mercado editorial as transformações promovidas pelas tecnologias digitais já causaram rupturas com modelos consagrados de publicação, distribuição e comercialização, na edição acadêmica as mudanças são tão ou mais profundas, tornando urgentes as discussões que tratam das políticas de acesso aberto e da acessibilidade, assim como aquelas que promovem a aproximação entre academia e sociedade.

Nos últimos anos, a Editora UEMG buscou pensar intensamente sobre essas questões, ponderando de que modo elas direcionam o futuro dos livros e das práticas de comunicação e divulgação científica. As experiências de pares também dedicados à pesquisa e à publicação,

aliadas à interação com seu próprio público, foram alguns dos aspectos considerados nessas reflexões.

Desse “exercício de pensar coletivamente”, originaram-se muitas das ações realizadas ao longo de 2023, quando a Editora UEMG completou 15 anos de existência, das quais podemos destacar a 1ª Feira do livro de acesso aberto.

A *na edição* foi idealizada nesse período de celebração. Assim, o nascimento desta revista é mais um fruto do que ambicionamos desse processo em desenvolvimento e é um marco a ser comemorado. Mais do que uma publicação que visa difundir o trabalho realizado pela Editora e pelos(as) pesquisadores(as) que



se relacionam com a Universidade, a revista surgiu como um veículo que pretende ampliar o impacto da produção científica para fora do domínio da ciência.

Nesta primeira edição, a trajetória da Editora e as discussões desenvolvidas sobre os rumos da edição acadêmica foram o fio condutor dos textos. Assim, são tecidas considerações sobre a *Editora UEMG pela Reitoria*, na figura de nossa Reitora, Lavínia Rodrigues, e de nosso Vice-reitor e Editor-chefe, Thiago Torres.

Também temos o prazer de contar com a contribuição das pesquisadoras Germana Barata, da Unicamp, que assina o artigo *As revistas científicas e o diálogo entre ciência e sociedade*, e Amanda Ramalho, do SciELO Livros, autora de *O futuro do livro digital, o livro digital do futuro*.

Outras colaborações de destaque foram dadas pela conselheira editorial da casa Ana Elisa Ribeiro, do CEFET-MG, que contribuiu com o relato pessoal sobre seu processo de escrita acadêmica, e pela coordenadora da Editora UEMG, Gabriella Noronha, que compartilhou sua experiência à frente da instituição.

A revista *na edição*, esperamos, contará ainda com muitos outros números, em que teremos a oportunidade de disseminar a extensa e valiosa produção de nossos pesquisadores. No momento, convidamos todos e todas a conhecerem o número 0 do periódico, que será publicado anualmente pela Editora UEMG, colaborando para a troca e aprofundamento dos saberes e para a democratização do acesso aos avanços da ciência.

Boa leitura!

Equipe da Editora UEMG



Editora UEMG pela Reitoria

Lavínia Rodrigues

Reitora da Universidade do
Estado de Minas Gerais



As publicações produzidas nas editoras universitárias são essenciais para divulgar os resultados de pesquisas científicas, ações de extensão e atividades de ensino, contribuindo para a definição de novos campos de estudos. Essas publicações certificam a qualidade de seu conteúdo, conferindo-lhe um grau de legitimidade ou valor simbólico, já que passam por instâncias de avaliação e aprimoramento. Ao democratizar o acesso ao conhecimento, criam-se condições para que se discutam temas que podem transformar a sociedade, assim como para que os saberes populares contribuam para o desenvolvimento científico.

Desde o início de nosso trabalho à frente da Universidade, a Editora UEMG tem se mostrado um importante promotor da comunicação científica, por meio de seus livros e periódicos. A gestão tem primado, cada vez mais, pela qualidade e ampla divulgação de suas produções. A forma criteriosa de seleção das obras e o cuidado no desenvolvimento de cada publicação evidenciam a responsabilidade e seriedade com que desenvolve seu trabalho. Além disso,

seu acervo demonstra que há uma preocupação social e de diversidade com as temáticas abordadas. Coerente com as práticas que têm sido discutidas como referência para o futuro da edição acadêmica, a Editora também tem investido no caráter virtual e no acesso aberto de seu catálogo.

As ações desenvolvidas estão alinhadas à estratégia da UEMG e reafirmam os princípios do Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade (PDI-UEMG | 2023-2027), os quais destacam a importância da mobilização da comunidade acadêmica para a troca de conhecimentos em diferentes áreas e da oferta de oportunidades de crescimento pessoal e profissional para todos os cidadãos e cidadãs de Minas Gerais.

A trajetória da Editora faz dela um espaço de grande importância para a Universidade do Estado de Minas Gerais, e suas particularidades a tornam essencial para que a UEMG siga na sua missão de contribuir para a formação de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a integração dos setores da sociedade.





Thiago Torres

Vice-reitor da Universidade
do Estado de Minas Gerais e
Editor-chefe da Editora UEMG

É fundamental, em uma universidade, a existência de uma editora que publique material de qualidade para a comunidade acadêmica. Afinal, especialmente em instituições públicas, a socialização do conhecimento científico é imprescindível.

Ao longo de sua trajetória, a Editora cumpre o papel não só de garantir a visibilidade da produção acadêmica realizada em diálogo com a UEMG, mas também de propiciar reflexões importantes para o avanço de temas sensíveis à educação de nível superior e à sociedade. O trabalho realizado pela Editora, especialmente

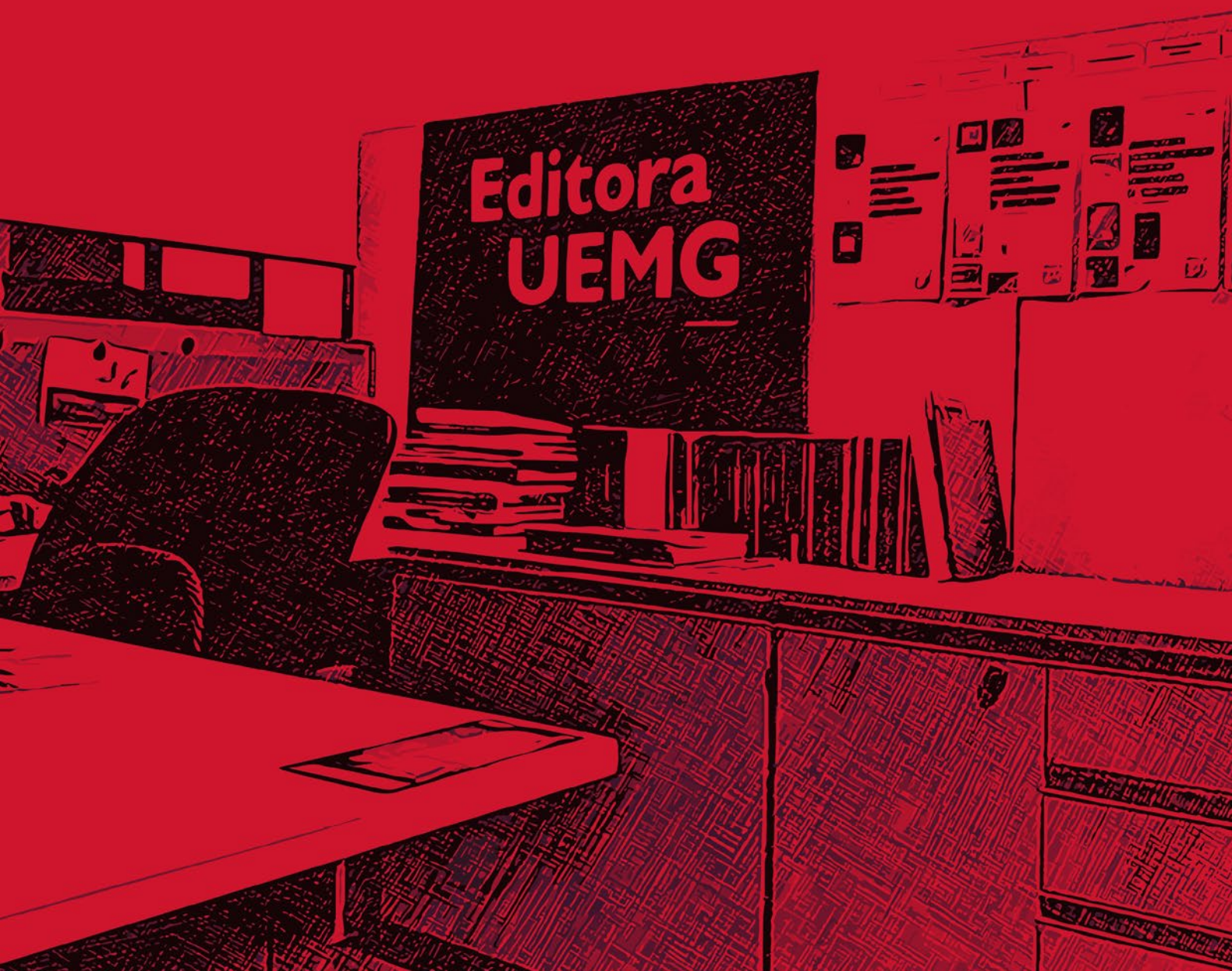
nos últimos anos, tornou-se exemplo, tanto no que se refere à ampliação de seu alcance, quanto no aprimoramento dos livros e periódicos científicos da UEMG, a partir da profissionalização da equipe e se aproveitando das novas tecnologias.

Portanto, quero parabenizar a Editora UEMG e agradecer pelo trabalho materializado na publicação de mais de 120 títulos de acesso aberto – que já obtiveram mais de 380 mil acessos – e no aprimoramento dos 20 periódicos científicos da Universidade, com a certeza de que muito ainda será conquistado.

15 anos da Editora UEMG: um olhar para o futuro

Em 2023, a Editora UEMG comemorou seus 15 anos com discussões sobre o tema “publicações do futuro”. Desde 2008, a Editora desenvolve um trabalho que alia o cuidado com os processos editoriais à busca constante por inovação, disseminando conhecimento em publicações gratuitas e digitais. Há, por parte da gestão, a preocupação em compreender o comportamento do público leitor, e por desenvolver iniciativas que busquem se inserir

de forma mais efetiva no radar de docentes e pesquisadores que propagam o conhecimento acadêmico. *Será por meio de livros impressos? Livros digitais? De que forma esses livros digitais podem ser mais encontráveis, enriquecidos de conteúdo multimídia e proporcionar uma leitura mais agradável? Como melhorar a acessibilidade desses livros? E quanto aos periódicos? Como alcançar os pesquisadores em meio a tantas publicações?*



Essas questões têm pautado a rotina da Editora, em uma periódica revisão de sua estratégia com um olhar para as tendências nos modos de produção e divulgação científica. E é essa característica que ditou as reflexões promovidas no contexto de seu aniversário.

Selo comemorativo 15 anos EdUEMG

Em abril de 2023, a Editora apresentou nas redes sociais a marca elaborada exclusivamente para comemorar seus 15 anos. A identidade simboliza a ideia de unir tradição e inovação a partir do redesenho e pixelização do “pacote” ou “pilcrow” (¶). Este é um sinal de parágrafo repleto de história e que se mantém presente em softwares e na web.

A marca teve por objetivo reforçar o nosso posicionamento de difundir produção científica de qualidade por meio do zelo na edição e da utilização das tecnologias digitais.

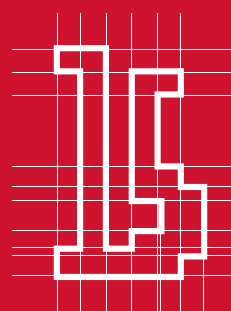
Saiba mais sobre a história da Editora

Em sua trajetória, pode-se dizer que a Editora UEMG passou por três grandes fases.

Nos primeiros anos após a fundação, de 2008 a 2010, a EdUEMG teve como objetivo divulgar a produção científica e acadêmica da Universidade, principalmente por meio da edição de revistas.

Após estabelecer suas atividades e publicar as primeiras obras, a Editora passou para uma segunda fase, na qual buscou aprimorar e dinamizar suas atividades, viabilizando o aumento no volume de publicações, com a seleção de livros através de editais.

A terceira fase começou em 2018, paralelamente à expansão experimentada pela UEMG. Nos últimos anos, destacou-se a profissionalização da equipe e o aumento na capacidade de produção de livros e apoio aos periódicos da UEMG.



editora | UEMG

Marca comemorativa “15 anos EdUEMG”

Acervo EdUEMG

2008 a 2010 A Editora foi criada formalmente com o intuito de divulgar a produção do conhecimento gerado na comunidade acadêmica da UEMG.

No início das atividades, foi lançado um concurso para a criação de seu logotipo, no qual poderiam se inscrever discentes de graduação e pós-graduação das Escolas Guignard e de Design.

O primeiro trabalho da EdUEMG foi a revista Mal-Estar e Sociedade (Barbacena), seguida das publicações Cadernos de Estudos Avançados em Design (ED/BH), Educação em Foco (FaE/BH) e Modus (ESMU/BH).

Nesse período, a Editora foi coordenada por Fuad Kyrillos Neto, que atualmente é um dos membros do Conselho Editorial.

2011 Além do vínculo formal com a Reitoria, a Editora também passou a funcionar sob a gestão da Pró-Reitoria de Extensão (PROEx).

2013 O Conselho Universitário (Conun) aprovou a composição do primeiro corpo editorial. A partir da estadualização das fundações associadas à Universidade, foi possível inserir novos periódicos ao bojo de publicações apoiadas pela EdUEMG.

2016 A Editora, até então sediada em Barbacena, foi transferida para Belo Horizonte, onde fica a Reitoria.

2018 Em dezembro de 2018 iniciou-se uma reorganização da Editora UEMG.

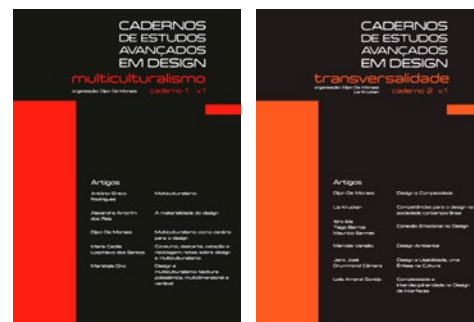
2019 Aprimoraram-se os processos editoriais e instrumentos de comunicação: foram publicados a



Logotipos da Editora UEMG de 2008 e 2016
Acervo EdUEMG



Logotipos das revistas Mal-Estar e Sociedade, Educação em Foco e Modus
Acervo EdUEMG



Capas dos primeiros livros publicados pela Editora UEMG, em 2008
Acervo EdUEMG

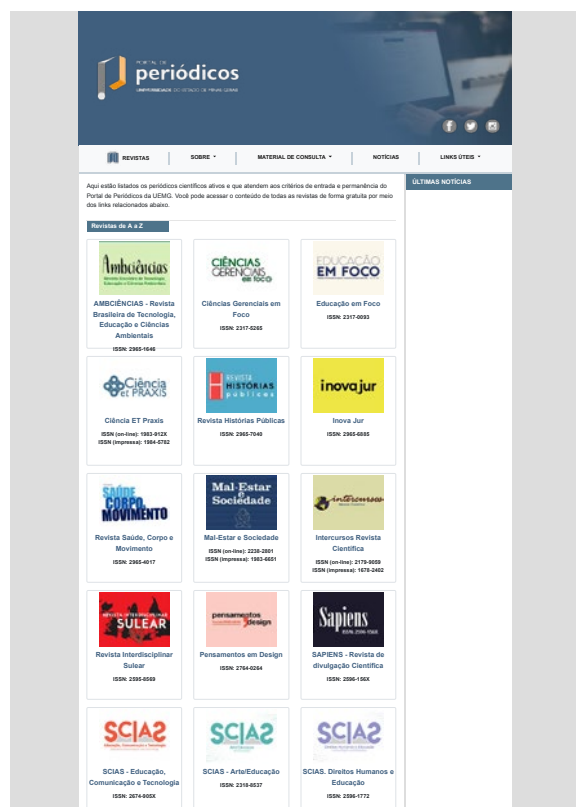


Sede da Editora UEMG em Belo Horizonte
Acervo EdUEMG



Coleção 30 anos UEMG

Acervo EdUEMG



Página inicial do Portal de Periódicos da UEMG

Acervo EdUEMG

Política Editorial, o Guia do autor e as normas operacionais. Houve também a criação dos perfis nas redes sociais e o envio mensal de informativos. Foi publicada a Coleção Comemorativa dos 30 anos da UEMG, com 4 volumes sobre a história da Universidade, pesquisa científica, ações de extensão e experiências de ensino.

2020 A Editora UEMG implementou diversas ações relativas aos periódicos da Universidade, como a instalação e atualização da plataforma OJS 3; o suporte e treinamento para os editores das revistas da UEMG; e a estruturação da home page do Portal de Periódicos.

2021 Foram incluídas informações no catálogo, como o Currículo Lattes e Open Researcher and Contributor ID (Orcid ID) de autores e organizadores, e foi atribuído o Digital Object Identifier (DOI) para as publicações. As obras publicadas passaram a contar com a licença Creative Commons (CC BY-NC-ND).

2022 O site atingiu a marca de 200 mil acessos aos livros publicados.

2023 A EdUEMG completou 15 anos de compromisso com a divulgação científica. Entre as ações realizadas, destaca-se a 1ª Feira do livro de acesso aberto, evento inédito no país.

2024 Novos desafios são buscados: produção de livros no formato ePub, ações para a acessibilidade das publicações e ampliação da divulgação científica.

Edição de livros acadêmicos: um universo de técnica, empenho e afeto

Por Gabriella Noronha*

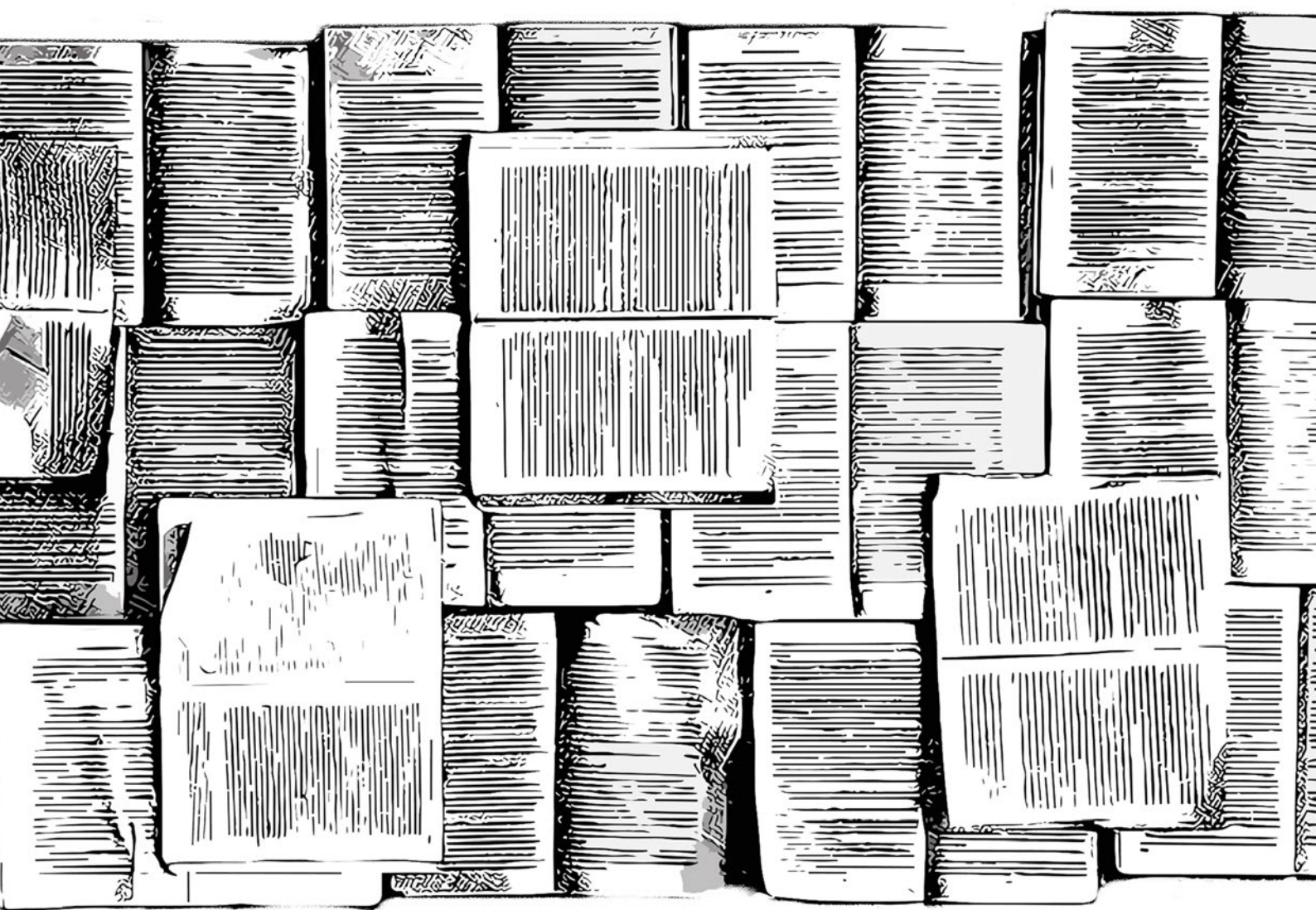


Quando assumi a coordenação da Editora UEMG, já no final de 2018, ainda não compreendia a grandeza da edição acadêmica. Apesar da experiência em gestão, da vivência na academia, do amor antigo por livros e da formação em editoração, dediquei-me a investigar ainda mais sobre a área, haja vista o grande desafio que se impunha. E descobri nos estudos (graças a pesquisadores incríveis como Leilah Bufrem, José Castilho, Flávia Rosa, Amanda Ramalho e outros tantos) e na rotina de uma editora acadêmica um universo de possibilidades, que despertou minha paixão e desejo ainda maior em explorá-lo. Assim, alinhei-me aos esforços da instituição que culminaram na melhoria da qualidade técnica das publicações, na ampliação de seu alcance e aproximação com a sociedade,

fazendo-se mais presente na internet e nas redes sociais por meio do acesso irrestrito e facilitado a todo o conteúdo produzido. Em 2023, a EdUEMG completou 15 anos repleta de conquistas, projetos e perspectivas.

Editar livros acadêmicos inclui práticas da edição propriamente dita, desde o recebimento dos originais, o trabalho de copidesque em parceria com os autores, as inúmeras revisões e aprimoramentos do texto, a busca por um projeto gráfico esteticamente agradável, que chame a atenção do leitor e contribua com o





texto, as ações de divulgação... Mas não apenas isso. Livros acadêmicos são, por excelência, principalmente para as humanidades, a forma de levar ao público os resultados das pesquisas e o conhecimento acumulado em determinada área de maneira atrativa, compreensível e enriquecida. Ao contrário dos trabalhos acadêmicos, a função não é defensiva, mas sim atrativa, elucidativa e dialógica. Assim, há que se mudar a chave da escrita, um processo complexo, mas extremamente engrandecedor. Para além de pesquisadores, formam-se autores. Por outro lado, os livros editados têm o potencial de conquistar outros pesquisadores e estudantes, e, a partir de então, proporcionar o diálogo característico do ambiente acadêmico. Ao final, os catálogos das editoras universitárias são

a consolidação do conhecimento acumulado nas diversas áreas, constituindo verdadeiras bibliotecas dos saberes científicos de um país.

Todavia, para essas editoras, em especial as públicas, há enormes desafios. Das grandes às pequenas, sofremos as pressões e dissabores do mercado editorial aliados a dificuldades estruturais características desse nicho, seja pelas baixas margens de receita oriundas da comercialização, seja pela necessidade de financiamento governamental a fim de promover o acesso aberto. Nos encontros promovidos pela Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU) os relatos são habituais: equipes pequenas, restrições financeiras e administrativas e, não raro, um estranhamento por parte da comunidade acadêmica sobre a

edição, atividade exercida dentro das universidades mas que não se assenta por completo em nenhuma das pontas do tripé ensino, pesquisa e extensão. Ao mesmo tempo, há um elemento que também unifica o discurso dos editores universitários: a dedicação profunda (algo que beira a devoção) à edição de livros, traduzida no empenho e no reconhecimento do valor do trabalho envolvido. Apesar de todas as dificuldades, perseveramos porque acreditamos no que é entregue à sociedade, o que nos dá motivação para, diariamente, melhorarmos nossas práticas e inovarmos. Cada livro editado é fruto do empenho de várias pessoas, a começar pelos autores, mas também de todas as equipes que produzem e distribuem o que chega aos leitores, mesmo que de trás das cortinas (ou na ficha técnica).

É com esse espírito, de tenacidade e afeto, que lançamos o primeiro número da revista *na edição*, a fim de compartilhar com a comunidade acadêmica nossa paixão por livros e pelo universo editorial.

***Gabriella Noronha** é coordenadora da Editora UEMG. Doutoranda e mestra em Design, é servidora de carreira do Estado de Minas Gerais desde 2008 e estuda as possibilidades de contribuição do design para a melhoria dos serviços públicos e com foco social.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8298-2615>.
E-mail: gabriella.noronha@uemg.br.



Como escrevo um artigo científico?

Por Ana Elisa Ribeiro*



Atendendo a pedidos nas redes sociais e com o propósito de auxiliar pesquisadores que estão iniciando sua jornada acadêmica, a professora e escritora Ana Elisa compartilha um relato generoso sobre seu processo de escrita científica.

Preferi este título na primeira pessoa porque quero contar uma experiência particular. Se ela serve para mais gente, fico feliz. Mas pode muito bem ser que minhas e meus colegas se organizem para a produção de textos científicos, em especial o artigo, de maneira bastante diferente da minha. E tudo bem, se funcionar.

O meu jeito de me organizar e escrever um artigo não surgiu de cursos rápidos e nem de ensinamentos explícitos em aulas, por exemplo. Aprendi com a experiência, lendo muitos artigos publicados em boas revistas, escrevendo artigos, recebendo pareceres cegos das revistas (isto é, quando não sei quem os produziu e nem os pareceristas sabem quem sou), em especial os que são construtivos e pertinentes, e revendo meus textos até publicá-los. Hoje em

dia, tenho dezenas de artigos em bons periódicos, mas isso foi conquistado com esforço e dedicação, além de estudo e tentativas que não me dissuadiram.

Cada área do conhecimento tem uma espécie de estilo de escrita. Sou linguista e fico atenta ao funcionamento das revistas na minha área de formação. No entanto, jogo em outras posições e acabo publicando também em revistas de outras áreas, como a Comunicação, a Educação, a Literatura e até as Ciências Sociais. Isso me obriga a prestar atenção ao modo como os textos circulam em cada uma delas. Vejo, por exemplo, que na Literatura há menos exigências sobre uma seção de Metodologia, coisa que na Linguística parece bastante necessário.



O que são, de onde vêm

Os artigos científicos são uma espécie de relatório breve de uma pesquisa. Isto é, é fundamental ter uma pesquisa a relatar, ainda que ela parta da análise de documentos, por exemplo, e não exija trabalho de campo. Muita gente não consegue escrever um artigo porque quer tirar leite de pedra. Isso parece óbvio, mas infelizmente não é. Muitas disciplinas de pós-graduação exigem que mestrandos e doutorandos escrevam artigos que partem do nada. São máquinas de escrita de textos inócuos. É melhor, então, tratar de ter uma pesquisa e dela gerar o que relatar.

Artigos são diferentes de ensaios. Estes são textos que podem especular, expressar reflexões etc. Os artigos têm uma relação mais direta com achados, evidências e resultados.

Os artigos podem derivar da pesquisa que dará origem à dissertação de mestrado ou à tese de doutorado. É possível:

- recortar trechos do relato maior (tese ou dissertação) que gerem um texto breve e organizado, com um arco perceptível, ou seja, com contextualização, objetivos, método, análise, discussão e considerações finais claros;
- separar assuntos que tangenciam a dissertação ou a tese, sem fazer parte do corpo principal dela, aproveitando para discutir aspectos laterais na monografia, mas importantes para o debate científico;
- esperar a defesa e “fatiar” a monografia, de maneira que suas partes sejam textos autônomos (há áreas que já exigem isso das teses e dissertações, que, na verdade, são a reunião de, por exemplo, três artigos);
- esperar o final da jornada e, depois da defesa, resumir a tese ou dissertação, apresentando um resultado geral mais compacto.

Há pesquisadores que preferem não publicar trechos ou parciais da monografia por uma questão de “segredo” e ineditismo; e há quem justamente considere que a publicação parcial é uma maneira de publicizar aspectos da pesquisa que não são gerais, nem completos, mas que vão deixando marcados os resultados e achados, o que pode ajudar a registrar

a inovação e a anterioridade da pesquisa em relação a outras.

O artigo “avulso”

Sempre gostei de publicar artigos. O processo todo, em especial os pareceres recebidos das revistas, é uma forma de encontrar interlocução e de fazer melhorias nos textos. Além disso, os artigos, no Brasil, geralmente são disponibilizados em revistas de acesso aberto. Ao contrário de outros países, não pagamos pelos textos, o que torna nosso trabalho um pouco mais visível, encontrável e, quem sabe, citável.

Dos modos de gerar os artigos, gosto muito da publicação de derivados laterais, isto é, textos derivados da tese, mas que não fazem parte dela. São discussões despertadas pela pesquisa, mas que não dizem respeito diretamente ao seu núcleo. Muitas vezes, esses são textos criativos e que tocam os aspectos mais pontuais do grande tema do trabalho.

No entanto, como já fiz mestrado e doutorado há muito tempo, minha vida de pesquisadora precisa ser sustentada por pesquisas de outras naturezas. Para atuar na pós-graduação, preciso ter sempre um projeto de pesquisa em andamento, então posso:

- submeter projetos a editais de agências de fomento (Capes, CNPq, agências estaduais, institutos de pesquisa, por exemplo) e receber auxílio para executar uma pesquisa por determinado período de tempo (meses ou alguns anos);
- fazer um acordo de cooperação com uma instituição e pesquisar em acervos e arquivos;
- fazer um estágio de pós-doutorado mais curto.

Todas essas são oportunidades de manter uma pesquisa (que pode já não guardar relação com meu mestrado ou meu doutorado, pois meus assuntos precisam evoluir) e de produzir relatos sobre seus resultados parciais ou finais.

Atualmente, tenho pesquisas em andamento com bolsa de agências de fomento, um acordo técnico de cooperação com a Academia Mineira de Letras e um pós-doutoramento em

seu início. Com isso já sei que terei assunto para vários artigos, quem sabe livros, sem ter de escrever uma monografia longa. Isso é uma liberdade linda.

Ou seja, é possível fazer uma pesquisa que independe da tese ou da dissertação, e que gere artigos como produtos que comunicarão seus resultados parciais ou finais.

Forma e avaliação

A depender das práticas das revistas em cada área, os artigos têm um número determinado de páginas. Na área de Letras, há revistas que trabalham com 12 páginas e outras com cerca de 20. Fiquemos nessa média. Hoje, escrever um artigo de 15 páginas é razoavelmente fácil, considerando a execução das pesquisas, o que elas geram e minha experiência na escrita desses textos. No entanto, nada disso garante que os artigos serão aprovados imediatamente. Pode acontecer, mesmo quando somos experientes, que os avaliadores não aproveem, façam muitas ressalvas e solicitem muitas mudanças. Se não forem impertinentes ou apenas “lacradores” (sim, existem...), é possível tomar várias providências para obter um texto melhor e enviá-lo novamente, até que seja publicado. Esse processo demora muitos meses, às vezes anos.

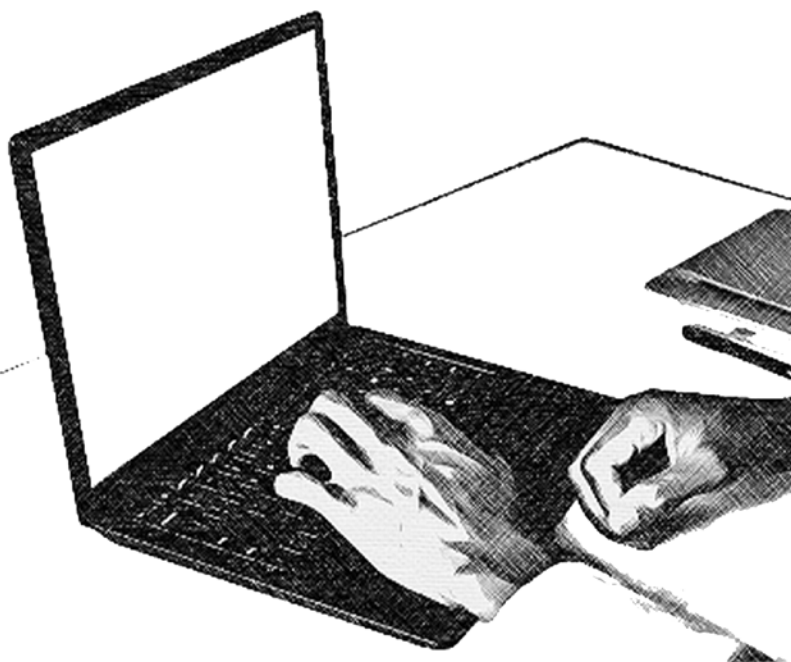
O processo de avaliação das revistas é uma outra questão, na qual não me aprofundarei aqui, mas pode ser útil dizer que há um corpo de avaliadores oficiais nas revistas, geralmente gente importante e conhecida, mas que dificilmente está disponível para emitir pareceres com rapidez. Com isso, grande parte dos periódicos se vale dos pareceristas *ad hoc*, isto é, pessoas convidadas a avaliar os textos de maneira isolada, sem estarem necessariamente vinculados à revista. Essas pessoas podem ser pesquisadores e docentes mais jovens, que precisam recheiar seus Lattes com produção técnica e ganhar a confiança dos colegas e dos próprios periódicos. Às vezes, isso resulta em pareceres agressivos, apressados, impertinentes e imaturos. Nem sempre, é claro. É importante ler

os pareceres com disponibilidade e atenção, buscando o que de melhor eles podem oferecer em termos de debate e interlocução. No entanto, caso um parecer seja grosseiro ou inócua para o desenvolvimento do artigo, pode ser mais interessante alterar no texto apenas o que fizer realmente sentido e escrever aos editores da revista, explicando e justificando mudanças e manutenções. Por trás das interfaces dos periódicos (quase todos hoje são eletrônicos) estão colegas sobrecarregados.

Etapas do artigo “derivado”

Bem, se eu estivesse escrevendo uma tese ou dissertação, diria que as etapas de produção de um artigo derivado dela são:

- ler muito uma bibliografia relativa ao assunto, já usada para a tese ou dissertação;
- aproveitar essa bibliografia lida como parte contextual, teórica e/ou estado da arte do meu artigo;
- selecionar dados da pesquisa maior para fazer uma análise mais focada ou mais específica de algum aspecto, usando parte da bibliografia lida como lente ou sustentação da análise e da discussão;
- depois de discutir os dados, aplicando as leituras, tirar conclusões ou tecer considerações finais que, na verdade, são aspectos parciais ou específicos do assunto maior. Não são necessárias, e às vezes nem desejáveis, conclusões fechadas e imperativas, mas sim proposições, reflexões e conclusões abertas sobre o tema.



No entanto, se minha pesquisa não tem mais relação com uma tese ou dissertação, fico mais livre para escrever artigos “avulsos”, relacionados a etapas dos resultados de investigações de outras naturezas, até que elas cheguem ao fim, e então eu ainda possa relatá-las de maneira geral, em um texto breve.

Etapas do artigo “avulso”

Esses artigos “avulsos” partem, de todo modo, de etapas de leitura, estudo, geração de dados, reflexões teóricas e metodológicas, análises criativas sobre o que estou investigando e considerações finais, sempre um pouco provisórias, porque as pesquisas estão sempre evoluindo.

Aqui chego às etapas que costumo cumprir para escrever um artigo científico não relacionado a uma tese ou dissertação, embora ele esteja sempre ligado a uma pesquisa:

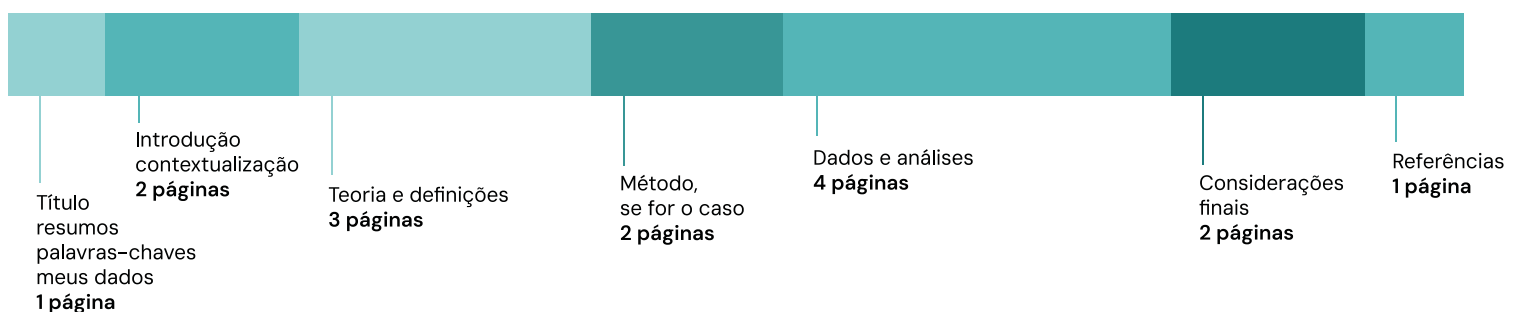
- reunir referências bibliográficas, geralmente livros e artigos, mas também teses, dissertações e outros relatórios, e lê-las com muita concentração;
- separar as referências que têm muita pertinência com meu trabalho, marcando partes, anotando reflexões feitas durante a leitura e deixando possíveis citações escolhidas;
- reunir essas referências e tirar um dia para transcrever anotações e citações para arquivos no computador (se não estiverem anotados em dispositivos digitais);
- abrir um arquivo novo e produzir uma espécie de sumário ou mapa das seções possíveis para o texto;
- nessas seções, colar as reflexões e citações já selecionadas, deixando-as prontas para serem costuradas ao texto principal que ainda vou escrever;
- começar o texto pela parte introdutória, contextualizando o estudo, esclarecendo a questão que o provoca e descrevendo as partes seguintes;

- seguir com uma parte de reflexão teórica, deixando clara a abordagem usada, termos úteis, conceitos e definições operacionais, mas apenas o estritamente necessário;
- se possível e pertinente, comentar outros trabalhos semelhantes, trazendo-os como inspiração ou contraponto, respeitosamente, mas com firmeza;
- em nova seção, descrever o desenho metodológico da pesquisa;
- em mais uma seção, talvez a mais importante e robusta do texto, mostrar os dados e comentá-los, analisá-los, lê-los, evitando a redundância ou a repetição de aspectos que podem ser vistos (por exemplo, se há uso de gráficos ou imagens);
- nas considerações finais, retomar a questão principal e o objetivo do texto, deixando claro um argumento, um ponto de vista ou uma proposta.

Gosto de arrematar os textos com algo bonito, fechar um arco, às vezes usando algo do início dele. Também gosto de usar epígrafes que me ajudem a fazer associações e analogias. Mas essas coisas são opcionais e dependem do nosso estilo de produzir esses textos. O que percebo é que as pessoas gostam de ler textos bem escritos, por isso invisto nesse aspecto.

Proporções e aproximações

É importante dizer que há certa flexibilidade nessa forma do artigo e suas seções. Eles podem começar com uma contextualização que inclui objetivos e até uma descrição breve da metodologia, dispensando uma seção de relato metodológico mais longa adiante. A análise dos dados gerados pode se mesclar à discussão, o que pode ser distinto em algumas áreas do conhecimento. E posso arriscar uma proporção aproximada como a que segue, se um texto tem 15 páginas, distribuo:



É claro que isso é apenas uma aproximação. Nem todos os artigos que publiquei tiveram essas proporções, mas eu considero esses investimentos em cada parte bem razoáveis, e isso evita um artigo que exagera num ponto e se apressa em outro.

Linguagem

A linguagem do artigo é uma escolha política do autor ou da autora. Sempre prefiro produzir meus textos manejando a língua de maneira que ela seja inteligível, compreensível, sem perder o compromisso com a reflexão honesta e a seriedade no relato dos achados da pesquisa. Há autores e autoras que optam por um modo de escrever mais obscuro, inacessível, porque de fato consideram que a complexidade das questões precisa ser relatada em um texto também complexo. E há autores e autoras que não podem escolher, porque não manejam a língua nesse nível de modalização. Escrevem como podem, às vezes emulando teóricos ininteligíveis de sua área ou aos quais aderem em termos teóricos e, sem saber direito, estilísticos. Os textos científicos fazem escola também em suas formas de escrita.

Quanto aos títulos, são importantíssimos. Sempre invisto um tempo na escolha deles, geralmente derivando-os dos dados da pesquisa, de falas de entrevistados, de analogias interessantes etc. Pode ser que eles apenas resumam a ideia principal do artigo, como nos ensinam na escola básica, mas podemos sofisticar um pouco mais, se sentirmos segurança. Nos dias que correm, temos mais uma preocupação: os metadados. Os títulos podem ser pensados para seduzir algoritmos. É escolher a quem servir.

Processo criativo

O que chamo de etapas da escrita, na verdade, são etapas do meu processo criativo, a maneira como me organizo para escrever um artigo. A escrita começa muito antes do dia em que me sento diante do computador e abro um arquivo

de Word. Os preparativos começam lá na escolha da bibliografia a ser lida e só terminam quando reviso o texto e o entrego para meus primeiros interlocutores e interlocutoras, que podem ser colegas próximos ou desconhecidos (nas revistas).

A busca pela bibliografia é feita no Google Scholar, em bancos de teses e dissertações, mas também vasculhando as referências de outros textos que considero bons (o que essa pessoa leu?), além de visitando bibliotecas e livrarias. Parte da minha bibliografia é feita do meu investimento na compra de livros que ainda não estão disponíveis para empréstimo ou mesmo aqueles conseguidos em viagens. Isso me dá uma deliciosa sensação de desafio e de ser sempre surpreendida por pontos de vista novos. É importante alicerçar nossas pesquisas e nossos textos em obras consagradas e consistentes, para as quais o tempo não passa, mas também é importante arejar nossa bibliografia com novos estudos e referências.

A etapa de leitura toma semanas, às vezes meses. É a mais longa do processo e a mais interrompida. É bastante difícil conseguir tempo contínuo para fazer leituras extensas, estudando, conversando com o texto, anotando e selecionando trechos potencialmente citáveis. Faço isso na intimidade do meu quarto, espalhando livros pela cama, com lápis nas mãos o tempo todo, deixando códigos às margens dos textos e anotando em papéis soltos. Se estiver lendo no Kindle, deixo partes marcadas e anotações gravadas. Tudo isso fica à espera do dia em que me sentarei no computador e farei toda a transferência. É um momento também de decidir que, por ora, não haverá mais leitura. O texto precisa nascer.

Se essa etapa de estudo for vencida, a despeito das interrupções de toda natureza, é sinal de que o artigo não demorará muito. Depois de organizar o arquivo com o mapa das seções (isso pode mudar, claro) e os trechos e anotações, já é possível começar uma costura que

leva apenas alguns dias. (Às vezes penso que um estilista deve trabalhar um pouco assim... até quando finalmente se senta à máquina, se também for ele o costureiro).

Depois disso, é revisar, revisar de novo, pensar em uma interlocução relevante e escolher onde publicar.

Daí em diante, são etapas de ajustes e a recepção de pareceres que podem solicitar mudanças leves, ou não. De todo modo, o artigo já está disponível para conseguir um espaço de publicação. Essa é outra etapa, da qual não tratarei aqui.

Agulhas encontráveis

Um artigo publicado é uma agulha em um palheiro. No mundo produtivista em que vivemos, é muito difícil ter um texto lido e citado, isto é, encontrar interlocutores reais, gente que dê atenção ao nosso texto e até se baseie nele, para concordar ou para se contrapor. É preciso calibrar bem as expectativas quanto a isso. No entanto, é possível divulgar o texto e fazer com que ele seja percebido entre nossos pares. Se ele for organizado, escrito de maneira inteligível e correta e trazer algo de interessante, tem chances de ser encontrado em meio à profusão de outros.

Escrever artigos é uma prática de comunicação científica antiga. A ideia é que ela fosse ágil, isto é, que pudesse dar notícia de uma pesquisa em um tempo curto, menos estendido do que um livro, por exemplo. No entanto, como a maioria de nossas revistas existe de maneira muito precária, muitas vezes elas demoram muito a liberar os números. A espera pode ser longa, mas não se pode desistir. Embora os livros continuem muito importantes para a nossa área (Letras e outras), os artigos têm ocupado um lugar de destaque grande nas métricas de produção, inclusive porque outras áreas do conhecimento terminam por dominar as regras do jogo científico. Paciência. Ou resistência.

Sem lista de referências

Bem, não listarei referências bibliográficas aqui porque este texto parte de uma experiência particular e foi demandado pelas minhas amizades nas redes sociais. No entanto, é possível encontrar bons livros que nos guiem na produção dos textos científicos. Escrever, no entanto, não é um resultado direto da leitura de regras e frases no imperativo. Sempre penso que escrever se aprende escrevendo e reescrevendo, dando a ler e refazendo. Sem isso, um artigo parece sempre um privilégio de poucos. Minha sugestão é que cada um encontre seus horários, sua gestão dos recursos e sua escrita, porque a fórmula aproximada do artigo está lá esperando por nós. Há pesquisas em Linguística que mostram como os textos são escritos em dadas áreas, e o interessante é ver que isso tem certa flexibilidade, isto é, os textos são estáveis apenas relativamente. Se por um lado podemos aprender uma espécie de “fórmula”, por outro é preciso atentar para modernizações e mudanças num nível textual e discursivo que, embora lentamente, acontecem. De todo modo, há uma previsibilidade nos textos e precisamos aprendê-los de maneira a encontrar nossos espaços e interlocutores.

***Ana Elisa Ribeiro** é professora titular do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, no bacharelado em Letras (Tecnologias da Edição) e no ensino médio integrado (Redação). É pesquisadora do CNPq e da Fapemig e uma das coordenadoras do grupo de estudos Mulheres na Edição. Tem livros e revistas publicados, além de dirigir coleções literárias e técnicas.

@anadigital

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4422-7480>.

E-mail: anadigital@gmail.com.

A black and white photograph of a hand reaching up to a bookshelf. The hand is positioned in the lower right, with fingers extended towards a book on a higher shelf. The bookshelf is filled with books of various sizes, creating a sense of depth. The lighting is dramatic, with strong highlights and shadows.

Cinco livros para conhecer mais sobre edição

Tão extensa quanto os significados possíveis para o conceito de edição é a quantidade de boas obras literárias que têm esse tema como pano de fundo. Por isso, no primeiro número da revista *na edição* trazemos indicações de cinco livros para se conhecer mais sobre os profissionais e os processos envolvidos na edição.

Para aqueles que desejam compreender melhor o trabalho editorial, as obras contemplam alguns dos infinitos caminhos da edição, porém, na excelente companhia de personagens cativantes como só bons autores são capazes de criar.



A tradutora, Cristovão Tezza*

Em *A tradutora*, o leitor acompanha a história de Beatriz, que está traduzindo o espanhol barroco do catalão Felip. T. Xaveste, quando uma sucessão de acontecimentos entrelaça a urgência do instante presente com a memória e os acontecimentos que envolvem seu trabalho, sua carreira e suas relações afetivas.

Editora: Record
Ano: 2016
Número de páginas: 208



***Cristovão Tezza** é um escritor brasileiro nascido em Lages (SC) em 1952. Entre outras obras, destacam-se o romance *O filho eterno* e a obra de não-ficção *Entre a prosa e a poesia — Bakhtin e o formalismo russo*.

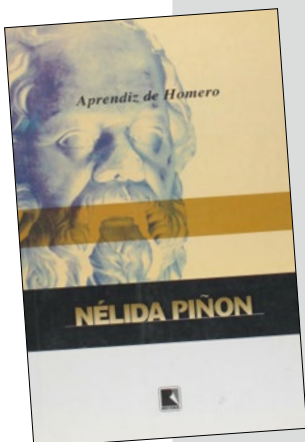
História do cerco de Lisboa, José Saramago*

Em *História do cerco de Lisboa*, temos um revisor, Raimundo Benvindo, como personagem central. Ao cometer um erro proposital na revisão de um livro sobre a história do cerco de Lisboa — a adição de um simples “não” —, Raimundo altera o sentido histórico de um fato, desencadeando consequências práticas e ficcionais, e provocando no leitor uma profunda reflexão sobre a proximidade dos textos histórico e literário.



***José Saramago** foi um escritor português nascido em Azinhaga. Autor de obras consagradas como *Ensaio sobre a Cegueira* e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, foi ganhador do Prêmio Camões de 1995 e do Prêmio Nobel de Literatura de 1998.

Editora: Companhia das Letras
Ano: 2020
Número de páginas: 392



Aprendiz de Homero, Nélida Piñon*

Em *Aprendiz de Homero: ensaios*, Nélida Piñon apresenta 24 reflexões que abordam o trabalho de autores, temas e personagens que marcaram profundamente a cultura ocidental e influenciaram a própria formação literária da autora. Analisando escritores como Homero, Shakespeare e Cervantes, sem deixar de lado os modernos, como Mário Vargas Llosa e Carlos Fuentes, Piñon traça um panorama sobre o papel da leitura e da sua relação com a escrita em diferentes gerações através dos séculos.

Editora: Alfaguara
Ano: 2008
Número de páginas: 312

***Nélida Piñon**, nascida no Rio de Janeiro (RJ) em 1937, foi a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras (1996 e 1997). Além de escritora de romances, contos, crônicas e ensaios, foi editora de revistas no Brasil e no exterior, e conselheira de entidades culturais da cidade do Rio de Janeiro.



Se um viajante numa noite de inverno*, Italo Calvino



O romance *Se um viajante numa noite de inverno* é um dos mais intrigantes textos literários sobre o universo da leitura, da escrita e da edição. Recheado de intertextualidades e desenvolvido como uma aventura literária em que o leitor é tomado como protagonista, o livro tem como ponto inicial um convite bastante direto: "Você vai começar a ler o novo romance de Italo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*. Relaxe. Concentre-se. Afaste todos os outros pensamentos."

***Italo Calvino** foi um escritor italiano, nascido em Santiago de las Vegas (Cuba). Considerado um dos mais importantes autores do século XX, teve vasta produção de obras de ficção e ensaios, tomando como tema de muitos textos o pensamento sobre a literatura.

Editora: Companhia das Letras
Tradução: Nilson Moulin
Ano: 1990
Número de páginas: 280



Os espíões*, Luis Fernando Veríssimo

Os espíões é um "drama editorial" em que temos como protagonista um editor frustrado, recusando original atrás de original enquanto aguarda o próximo fim de semana. Quando começa a receber cartas de uma mulher misteriosa chamada Ariadne, sua relação com os autores muda completamente. Nas cartas, ela conta sua história de romance e traição em uma cidade interiorana, prometendo legar o seu relato biográfico antes de cometer suicídio, o que dá início a uma investigação com profundas consequências para o editor.

Editora: Alfaguara
Ano: 2023
Número de páginas: 144

***Luis Fernando Veríssimo**, filho do escritor Érico Veríssimo, nasceu em Porto Alegre (RS) em 1936, sendo um dos escritores mais populares do Brasil. Com vasta produção literária, entre suas obras mais conhecidas estão *O popular*, de crônicas e contos; *O Analista de Bagé*, de cartoons e quadrinhos; e *Comédias da vida privada*, de contos humorísticos.



As revistas científicas e o diálogo entre ciência e sociedade

Por Germana Barata*



Há quase 360 anos surgiram as primeiras revistas científicas no mundo, com o propósito de agilizar o compartilhamento de informações, fomentar as colaborações e determinar autorias sobre descobertas científicas. Desde então, essas publicações se aperfeiçoaram estabelecendo regras de publicação, um sistema de avaliação por pares e sua formatação com seções bastante características desse gênero literário. Mas grandes mudanças foram incorporadas apenas no século XXI e atualmente estamos no meio de uma revolução da comunicação científica, na qual os artigos passam a ser

vistos como meio de comunicação não apenas para a comunidade acadêmica, mas também para a sociedade.

Durante a pandemia da covid-19, muitos de nossos aprendizados sobre o funcionamento e a prevenção da doença foram publicados



em páginas digitais de artigos científicos ou em seus manuscritos, ou seja, nas versões que ainda não passaram pela avaliação de outros especialistas, os chamados *preprints*. Essas informações estamparam as páginas de jornais, revistas, blogues e postagens de redes sociais e nos ajudaram na tomada de decisão e no entendimento sobre a nova doença.

“É fundamental que haja formas de um artigo científico ser acessado, lido e compreendido por um número crescente de leitores.”

Nunca publicamos tanto sobre uma patologia em período tão curto. Foram mais de 500 mil artigos em 2021 e mais de 600 mil no ano seguinte, 10% e 12%, respectivamente, do total disponibilizado no mesmo período no indexador internacional Dimensions¹. Mas tamanho volume de conhecimento só pode ser compreendido por uma minoria de especialistas. Por quê? Pois o texto é codificado em linguagem técnica, com métodos específicos e geralmente escrito em inglês. Mas não precisa

ser assim. Profissionais da saúde, pacientes, jornalistas, gestores, professores e empresários são alguns atores sociais não especializados que podem se interessar por acompanhar o conhecimento científico para tomar decisões e que também têm muito a contribuir para a ciência. É fundamental, portanto, que haja formas de um artigo científico ser acessado, lido e compreendido por um número crescente de leitores.

Atualmente, a maneira principal de os artigos serem compreendidos por não especialistas é por meio da leitura de notícias e postagens em redes sociais feitas por jornalistas e divulgadores de ciência (que podem ser cientistas, profissionais da saúde, e outros) que são capazes de decodificar a linguagem técnica e publicar uma versão mais amigável e até crítica sobre os artigos.

Dentre os exemplos de ampliação do alcance do conhecimento científico está o crescimento do acesso aberto de artigos, que elimina a exigência de pagamento de assinaturas para a leitura da publicação. Durante a pandemia, artigos desse tipo ultrapassaram os de acesso

¹ Esse indexador de publicações científicas pode ser acessado em: <https://app.dimensions.ai/discover/publication>. Acesso em: 26 jul. 23.



pago. E, proporcionalmente, aumentou também, arriscaria dizer, o uso desses artigos por jornalistas e divulgadores que os difundiram para a sociedade. Exemplo desse esforço está a Agência BORI, uma agência de notícias sobre ciência para jornalistas lançada em março de 2020, que divulga artigos científicos em vias de serem publicados para profissionais da comunicação do Brasil. Apesar de a BORI ter acesso a cerca de 600 artigos inéditos por semana (a grande maioria em acesso aberto), ela só consegue divulgar três deles para jornalistas, o que mostra – como ocorre em instituições de pesquisa e outras agências de notícias – a limitada capacidade de disseminarmos conhecimento científico para a sociedade. Ainda há espaço para a popularização de muitos outros textos.

Nessa tarefa, a inteligência artificial (IA) pode nos ajudar a transformar a linguagem cifrada da ciência em outra capaz de ser lida e compreendida por qualquer pessoa, dentro de critérios de qualidade estabelecidos por jornalistas, por exemplo. Assim, ao invés de os jornalistas lerem e processarem apenas 12 artigos científicos de autores brasileiros por mês, poderiam acompanhar a produção da ciência, em áreas específicas de interesse, mais de perto. A curadoria automatizada da IA permitiria mais acesso

e transparência para a sociedade acompanhar e participar da ciência. Do mesmo modo, essa tecnologia permite a tradução de artigos para o português e a melhoria das versões traduzidas para outros idiomas. As barreiras que o uso do inglês impõe na compreensão do que está sendo publicado ou para dificultar ou limitar a participação de cientistas ou não especialistas no debate mundial são inúmeras. Elas contribuem para que 5% dos cidadãos tenha vantagens sobre o restante da população mundial que não tem o inglês como língua nativa.

Para além de ferramentas tecnológicas há uma mudança de cultura urgente que já está em prática, mas precisa se expandir e aperfeiçoar. As publicações científicas, especialmente da área médica, têm se esforçado para oferecer alternativas para que os chamados leigos possam usufruir da informação que produzem. Os resumos visuais (*visual abstracts*), por exemplo, são infográficos que tentam, por meio de imagens e esquemas, traduzir a metodologia e os principais resultados e conclusões de um artigo. Apesar da boa intenção, há dificuldades na compreensão da linguagem apresentada (Figura 1).

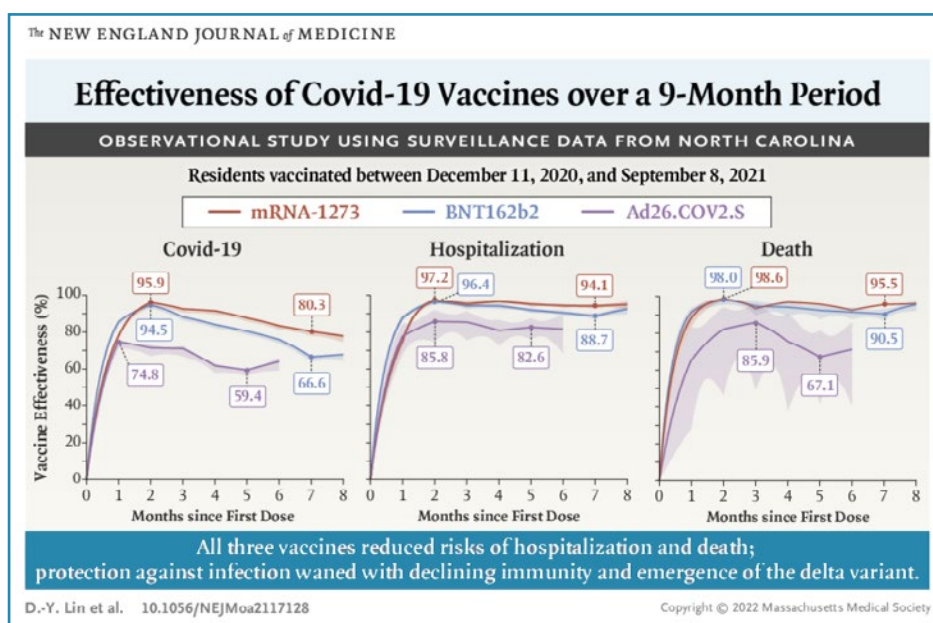


Figura 1: Resumo visual sobre a eficácia de 3 vacinas contra covid-19. D-Y Lyn et al. Effectiveness of Covid-19 Vaccines over a 9-month period in North Carolina. *N Engl J Med*, v. 386, n. 10, p. 933-941, 2022. DOI: [dx.doi.org/10.1056/NEJMoa2117128](https://doi.org/10.1056/NEJMoa2117128). Fonte: NEJM.

Fato é que ainda há um bom espaço a ser conquistado para que o diálogo com a sociedade faça parte da atividade científica e também da missão da comunicação científica.

Outro recurso que as revistas médicas utilizam é o chamado resumo para leigos (*Lay Summary*), que oferece uma síntese para não-especialistas sobre a metodologia, os principais resultados e a conclusão de um estudo, sem uso de termos técnicos. Algumas vezes, também trazem os destaques (*highlights*) do estudo para facilitar sua compreensão (veja exemplo em inglês de artigo publicado na revista *Health Policy and Technology* sobre campanhas de vacinação contra covid-19 em quatro países).

Fato é que ainda há um bom espaço a ser conquistado para que o diálogo com a sociedade faça parte da atividade científica e também da missão da comunicação científica. Os artigos continuam sendo a forma mais valorizada de produção científica e a principal forma de comunicação entre pares. No entanto, a internet e as redes sociais iniciaram uma abertura dessa comunicação para além dos especialistas. A pandemia, por outro lado, acelerou possibilidades importantes e necessárias para que qualquer cidadão possa acessar, ler e compreender a ciência para auxiliá-los na tomada de decisões e na forma de entender o mundo. As revistas e comunidade científicas devem incentivar e participar do diálogo entre ciência

e sociedade, que pode ser profícuo para todos e parece ser um caminho sem volta.

***Germana Barata** é jornalista de ciência e pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Nudecri) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e bolsista produtividade CNPq. Ela coordena o Grupo de Pesquisa LABinCC (Laboratório de Inclusão na Comunicação e na Ciência), pensa e produz ferramentas de inclusão por meio da ciência aberta e da divulgação científica. Tem, também, atuado na análise sobre os indicadores sociais da ciência com enfoque na ciência aberta, nas redes sociais e na divulgação científica.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6064-6952>

E-mail: germana@unicamp.br



O futuro do livro digital, o livro digital do futuro

Por Amanda Ramalho*



Com a ascensão da revolução digital, houve uma transformação sem precedentes na forma como são consumidos produtos e serviços, e era inevitável que essa mudança influenciasse mundialmente o mercado editorial. Uma pesquisa realizada em 2008 sobre a leitura no Brasil revelou que 3% dos entrevistados – o equivalente a 4,6 milhões de pessoas – já haviam acessado algum livro digital no ano anterior (Amorim, 2008). Embora o livro digital estivesse em expansão global há alguns anos, foi por volta de 2009 que começaram a surgir no Brasil as

primeiras lojas de livros eletrônicos, chamados em inglês de *eBooks*, ou simplesmente *digital books* (livros digitais), seguidas da chegada de grandes varejistas, como a Kobo, Amazon e Google Books e seus dispositivos de leitura, chamados de *eReaders* (Reimão, 2011).



Antes mesmo de chegarem oficialmente nas lojas de eBooks em formatos especificamente construídos para esse modelo de negócio e distribuição, os livros já eram – e continuam sendo – planejados, escritos, editados e armazenados em formatos digitais pelos autores. Desde o momento em que são aceitos por uma editora, passam por um extenso processo de edição que os converte do formato digital para o tradicional impresso. Em essência, há algumas décadas os livros já carregam em seu processo de produção a possibilidade de se tornarem livros digitais (Packer, 2010).

Em seu texto “O livro eletrônico chegou, vida eterna ao livro!”, Packer (2010) enfatizou as potencialidades do livro digital como uma fonte inesgotável que, a partir de um único arquivo,

pode servir ou prestar-se à leitura por toda a humanidade hoje e amanhã. Além disso, destacou seu papel como recurso para democratização da leitura e um importante meio de preservação digital do livro e do conhecimento.

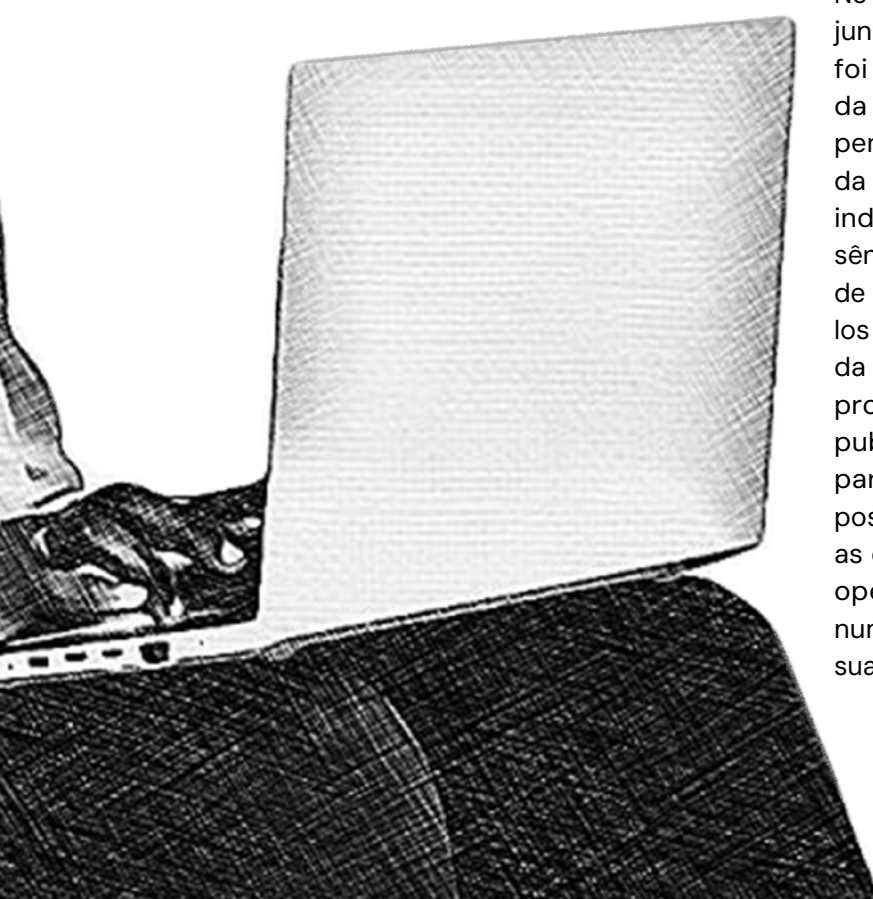


O autor apresentou a evolução do formato do livro, delineada em três dimensões: o registro do texto, a publicação e a leitura. Nesse contexto, observamos um desenvolvimento crescente e em larga escala de coleções de livros digitalizados por organismos internacionais, nacionais, bibliotecas, instituições acadêmicas e empresas privadas, com notável liderança dos países desenvolvidos. Por exemplo, o Google Books, criado com o objetivo de preencher a lacuna da ausência de um catálogo ou índice exaustivo de indexação de livros.

O caminho percorrido pelos periódicos na transição do papel para o digital, por sua vez, resultou em um cenário no qual era, já nos anos 2000, inimaginável que um artigo científico não tivesse uma versão digital disponível e indexada nos principais sistemas de pesquisa (Packer, 2010). Porém, isso não se repetiu com os livros, dado seu contexto histórico e cultural agregado. O sucesso do Modelo SciELO de Publicação de periódicos na web em acesso aberto no Brasil, e progressivamente nos demais países ibero-americanos, aliado à demanda pela indexação de livros, foram as motivações para a criação da coleção SciELO Livros. Em meados de 2010, uma análise direcionada ao

banco de dados bibliométrico do SciELO revelou que uma grande porcentagem das citações dos artigos e periódicos pertenciam a livros e capítulos de livros. No entanto, a ausência de uma base bibliométrica específica para essas publicações impedia a realização de estudos semelhantes. Foi viabilizado então, em 2012, o SciELO Livros, através de um consórcio liderado por editoras universitárias – inicialmente a Editora Fiocruz, a Editora Unesp e a Edufba –, com o apoio da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), sendo operado como projeto especial do Programa SciELO. Seu objetivo era disponibilizar uma base de dados e indexação de metadados de livros acadêmico-científicos revisados por pares e lançados por editoras universitárias e acadêmicas assistidas por um comitê científico. Assim, o SciELO Livros instituiu-se como uma iniciativa de apoio à infraestrutura de comunicação da pesquisa em ciência aberta e parte integrante da política de acesso aberto da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Sua plataforma se mantém como uma rede cooperativa autossustentável de editoras nacionais e internacionais de publicação de livros acadêmico-científicos.

No início do desenvolvimento do projeto, o conjunto de funções e serviços do SciELO Livros foi orientado com base no cenário editorial da época: publicações predominantemente pensadas para o formato impresso; ausência da gestão de metadados estruturados; baixa indexação de livros em bases de dados; ausência de conteúdo científico em plataformas de livros digitais e ausência de livros e capítulos de livros nos principais sistemas de busca da web. Assim, o SciELO Livros tornou-se um programa de promoção e transformação da publicação tradicional de livros já existente para *eBooks* em acesso aberto, com a proposta de ser *community based*, alinhado com as condições das editoras universitárias que operam sem fins lucrativos, mas, em geral, numa base de comercialização de livros para sua autossustentabilidade.



Os anos seguintes ao lançamento do Portal SciELO Livros e, paralelamente, à consolidação do mercado de livros digitais foram de muitos questionamentos, dúvidas e receios para os editores, mercado e leitores. Havia a incerteza de qual seria o impacto da produção do formato digital no atendimento às diversas lojas, o custo adicional de produção, o real interesse ou preferência dos leitores nesse formato e a pergunta que esteve presente em diversas rodas de conversa sobre livros digitais: o livro digital veio para substituir o formato impresso? Com o tempo, o eBook conquistou um lugar estratégico, acessível e social e se transformou em um recurso que potencializou a publicação impressa através de todo o conjunto de tecnologias que o acompanham e que permitem que um livro, ainda que publicado em português ou espanhol, alcançasse prateleiras mundiais e estivesse presente em resultados de pesquisas de instituições independentemente de sua localização geográfica.

Esse mercado continuou a crescer e a se desenvolver, impulsionado pela melhoria das tecnologias e pela popularização dos dispositivos eletrônicos de leitura. Com a vantagem de ser mais portátil e conveniente, o livro digital se mostrou uma opção atrativa para os leitores que buscavam novas formas de acesso ao conhecimento e à cultura. Sendo um recurso potencialmente acessível, o principal formato reconhecido pelo mercado, o ePub, cujo desenvolvimento teve início em 2007 com o International Digital Publishing Forum (IDPF) e mais tarde, em fevereiro de 2017, incorporado também pelo World Wide Consortium (W3C), teve como aliado desde seu início o Consórcio Digital Accessible Information System (DAISY), que pautou a padronização do formato tendo como principal requisito a acessibilidade.

Em 2017, ao completar 5 anos em operação, o SciELO Livros, com pouco mais de 869 livros publicados, contabilizava 9 editoras universitárias indexadas, 5 coleções temáticas e um registro de mais de 64 milhões de downloads. Era um conjunto pequeno de números que

representava a realidade da época: do lado das editoras, a luta na busca de recursos para possibilitar as publicações digitais, a resistência no investimento a longo prazo em algo que ainda não havia se consolidado como uma demanda pelos leitores, ou a escolha em selecionar poucos títulos do catálogo, muitas vezes já esgotados ou publicados há mais tempo, como forma de começar a entrar no mercado. Do outro lado, os leitores se familiarizavam cada vez mais com o formato digital e mais livros e capítulos passavam a compor resultados de pesquisa na web. Era oferecida, então, a possibilidade de carregar em seus dispositivos quantas obras fossem necessárias para uma leitura rápida, em trânsito, ainda que depois pudessem ler esse mesmo livro impresso em uma biblioteca, em uma livraria ou em casa.

Em 2020, o mundo foi impactado pela pandemia de covid-19, que afetou a vida, a rotina, os hábitos de leitura e todas as ofertas de recursos e serviços existentes. A emergência sanitária resultou em necessárias políticas de isolamento social que culminaram no fechamento de escolas, faculdades, universidades, bibliotecas, instituições de pesquisa e livrarias. Houve uma



reação imediata de editoras, bases de dados comerciais e demais provedores de serviços em ofertar coleções temporárias de livros digitais gratuitos para download, muitas vezes carentes de tratamento detalhado de metadados, e cujo prazo de validade se esgotaria no fim da pandemia (Hochman, 2020).

A demanda de pesquisa e acessos foi exponencial. No primeiro mês de isolamento, por exemplo, os livros indexados no SciELO e que também eram distribuídos nas lojas de eBooks e bases de dados tiveram um salto no número total de downloads de um único mês, quase alcançando o mesmo número registrado em um ano. Esse resultado pode ter sido causado por um conjunto de fatores, como a busca por entender, através da história e registros, o que estava acontecendo; o ganho de tempo para se dedicar aos estudos e pesquisas; o estudo de como utilizar as redes sociais e internet no ensino a distância; e a procura por conteúdo que ajudasse a lidar com o processo de isolamento e restrição social. Entretanto, a oferta nesse formato não era abrangente. Segundo a pesquisa ABEU realizada em 2021 com suas 127 editoras associadas, dos 23.358 livros do catálogo ativo das editoras, somente 2.974 estavam disponíveis também em formato digital. Isso representa menos de 13% dos livros acadêmicos (ABEU, 2021).

A pandemia contribuiu decisivamente para superar as resistências ao livro digital e para a sua consolidação no ecossistema da interoperabilidade entre sistemas conectados. Mesmo que não exista um consenso sobre as preferências do formato de leitura por parte dos leitores, é improvável que eles não utilizem a tecnologia e a conectividade para realizar suas pesquisas. Esse cenário foi um alerta para diversas editoras que imediatamente passaram a testar os modelos híbridos, com publicações simultâneas do impresso e do digital, ou os modelos predominantemente digitais como parte da estratégia de reduzir custos de impressão.

Um grande exemplo sobre o potencial da interoperabilidade pode ser evidenciado ao analisar

o Directory of Open Access Books (DOAB). O DOAB foi criado pela OAPEN Foundation (Open Access Publishing in European Networks) em 2012, em estreita cooperação com o Directory of Open Access Journals (DOAJ) & SemperTool, com o objetivo de aumentar a descoberta de livros em acesso aberto revisados por pares, de editoras confiáveis. Até meados de fevereiro de 2023, contabilizava pouco mais de 60 mil livros indexados, sendo cerca de 2 mil em português e 3,7 mil em espanhol. No entanto, nem sempre foi assim. Uma pesquisa realizada por Tsuji (2018) evidenciou que até 2014 livros em português e espanhol nesse diretório eram inexistentes. Foi em 2014 que o SciELO Livros passou a interoperar metadados dos livros em acesso aberto com o DOAB, uma parceria que, em 2021, resultou no reconhecimento do SciELO Livros como uma *Trusted Platform* (plataforma confiável), integrando a rede de plataformas confiáveis do DOAB, em alinhamento com os objetivos do projeto de promover a internacionalização e interoperabilidade das pesquisas.

A pandemia contribuiu decisivamente para superar as resistências ao livro digital e para a sua consolidação no ecossistema da interoperabilidade entre sistemas conectados.

A Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe (EULAC) é uma organização sem fins lucrativos que representa as editoras universitárias da Ibero-América. Com o intuito de promover o acesso ao conhecimento científico e cultural na região, a EULAC criou o projeto ULibros, um catálogo *on-line* de livros acadêmicos e universitários da Ibero-América que possibilita aos editores facilmente padronizar e otimizar a gestão de seus metadados. Como parte do processo de interoperabilidade, todos os metadados já criados e padronizados via SciELO Livros puderam ser facilmente exportados e importados no ULibros. Isso significa que os livros publicados pelo SciELO Livros estão automaticamente disponíveis no ULibros.

Em 2023, após 11 anos de operação, o SciELO Livros contabiliza 24 editoras indexadas, sendo 18 do Brasil, 5 da Colômbia e uma do Equador; 7 coleções temáticas; e 1.925 livros publicados, que juntos somam mais de 119 milhões de downloads em mais de 77 países, mesmo que a coleção seja predominantemente de livros em português e espanhol. Esse sucesso não é apenas quantitativo, mas também reflete a capacidade do livro digital de transcender fronteiras, línguas e contextos culturais.

O cenário atual do livro digital é marcado por uma trajetória de evolução e adaptação. O caminho trilhado desde as primeiras incursões em 2009, quando surgiram as primeiras lojas de livros eletrônicos no Brasil, até os dias atuais, revela não apenas a aceitação, mas a crescente importância desse formato na disseminação do conhecimento e da potencialidade dos metadados enquanto instrumento de identificação, recuperação e preservação da informação.

Atualmente, uma expressiva parte dos livros digitais continua a ser concebida com base nos padrões estéticos e textuais do formato impresso, constituindo uma barreira que necessita ser transposta para que o meio digital seja plenamente explorado. Superar esse obstáculo é crucial para desencadear todo o potencial de acessibilidade, interatividade, adaptabilidade e flexibilidade inerente ao formato digital, permitindo que tais características sejam verdadeiramente exploradas. E isso implica uma abordagem completamente orientada para o digital como patamar primário para publicação.

A estrutura do livro digital, quando concebida com a devida consideração às potencialidades das tecnologias disponíveis, transcende a simples transmissão de informações, transformando-se em um veículo dinâmico e interativo que promove uma experiência de leitura mais completa e contextualizada. Em primeiro lugar, a disposição dos textos é feita de maneira limpa, geralmente sem fontes e tamanhos fixos, utilizando tags HTML apropriadas para identificar títulos, listas, citações e notas. Isso permite que

os leitores escolham, por meio de seus próprios dispositivos, tamanhos e fontes mais confortáveis para a leitura, facilitando a inclusão. Todas as formatações estéticas são implementadas por meio de uma camada de CSS. Em segundo lugar, a correta configuração de metadados e do sumário favorece uma navegação mais eficiente e a identificação precisa dos elementos bibliográficos na biblioteca do dispositivo utilizado. Em terceiro lugar, a integração de recursos interativos, como áudio, vídeo e links, torna a leitura mais dinâmica e envolvente, possibilitando um aprofundamento no tema. Livros de entrevistas, por exemplo, podem conter áudios originais; obras de medicina podem incluir vídeos ilustrativos de conceitos ou registros de tratamentos; e obras sobre tópicos específicos de pesquisa podem apresentar links para fóruns de discussão e outros materiais complementares, sem necessariamente serem itens citáveis.

Ao abordar a incorporação de imagens e vídeos em publicações digitais, é crucial considerar a acessibilidade desses recursos. Ainda que sejam considerados elementos acessíveis, é necessário um cuidado adicional: a transcrição e descrição apropriadas são essenciais para explorar plenamente o potencial de acessibilidade. Atualmente, mesmo com o aumento da publicação em formatos digitais por parte das editoras, a incorporação de descrições nessas obras ainda é limitada. Isso pode ser atribuído, em parte, à falta de conhecimento sobre como fazê-lo e, por outro lado, aos recursos de tempo e financeiros necessários. Nesse contexto, vislumbra-se que o futuro das publicações digitais pode estar intrinsecamente ligado ao emergente universo da inteligência artificial, que tem o potencial de facilitar significativamente esse processo por parte dos editores, superando desafios e promovendo a inclusão de maneira mais eficaz.

Como destacado anteriormente, os metadados desempenham um papel crucial na identificação de um livro, seja nas bibliotecas dos dispositivos de leitura, em plataformas de distribuição de eBooks, websites ou serviços de busca. Nesse

cenário, os algoritmos de inteligência artificial emergem como valiosos aliados em diversos aspectos. Eles podem contribuir significativamente na revisão da estrutura técnica de um arquivo ePub, na sugestão de palavras-chave com base no conteúdo do livro, na categorização temática com a supervisão de um profissional bibliotecário, na elaboração de sinopses de tamanhos adequados a diferentes canais de divulgação, e na criação de outras informações essenciais para a promoção e busca eficaz do livro. E quem sabe, futuramente, ainda auxiliar na tradução de metadados para ampliar o processo de indexação e distribuição.

Diante disso, torna-se evidente que o futuro do livro acadêmico não apenas se entrelaça com a tecnologia, mas já é intrínseco a ela. Desde o registro de novos conhecimentos até o acesso a eles, a integração com as inovações tecnológicas delineia não apenas um caminho, mas um panorama dinâmico e próspero. À medida que a tecnologia continua a evoluir, espera-se que o livro acadêmico continue a desempenhar um papel vital na disseminação do conhecimento, aproveitando as ferramentas digitais para proporcionar experiências mais ricas e acessíveis aos leitores. Essa fusão entre a tradição acadêmica e as fronteiras da tecnologia oferece perspectivas promissoras para a construção do futuro do livro acadêmico, marcando um capítulo significativo na história da produção e consumo de conhecimento.

Em dezembro de 2023, a Editora UEMG passou a integrar a Coleção SciELO Livros, que não apenas assinala um notável avanço para o SciELO, que agora conta com a representação da Universidade do Estado de Minas Gerais, mas também celebra os 15 anos de trajetória da editora. Dessa forma, a EdUEMG passa a disponibilizar uma seleção de seus livros no formato ePub, ampliando seu alcance e possibilitando o acesso a suas publicações no Portal SciELO, na Amazon, na Kobo, no Google e em diversas outras plataformas de busca, tanto nacional quanto internacionalmente. Esse marco não

apenas reforça o compromisso da Editora com a disseminação do conhecimento, mas também destaca seu papel na ampliação do acesso à produção acadêmica, marcando um capítulo significativo em sua contribuição para o cenário editorial.

Referências

- AMORIM, G. (org.). *Retratos da Leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial / Instituto Pró-Livro, 2008. Disponível em: <https://robertoigarza.files.wordpress.com/2011/02/rep-retrato-da-leitura-no-brasil-instituto-pro-livro-2008.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.
- REIMÃO, S. Tendências do mercado de livros no Brasil – um panorama e os best-sellers de ficção nacional (2000–2009). *MATRIZES*, v. 5, n. 1, p. 194–210, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matriz/es/article/view/38315/41162>. Acesso em: 10 out. 2023.
- HOCHMAN, G. SciELO Livros e o acesso aberto em tempos epidêmicos: Mais importante que nunca [on-line]. *SciELO em Perspectiva*, 2020. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2020/04/13/scielo-livros-e-o-acesso-aberto-em-tempos-epidemicos-mais-importante-que-nunca/>. Acesso em: 10 out. 2023.
- ABEU. *Pesquisa ABEU 2021*. Disponível em: https://abeu.org.br/documents/7/Pesquisa_ABEU_2021.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.
- TSUJI, K. Statistics on Open Access Books Available through the Directory of Open Access Books. *International Journal of Academic Library and Information Science*, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 86–100, 2018. Disponível em: <https://arxiv.org/ftp/arxiv/papers/1808/1808.01541.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

***Amanda Ramalho** é bibliotecária, mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo, coordenadora do SciELO Livros e membro da Coordenação do Programa SciELO/FAPESP. Membro do Advisory Board do COPIM (Community-led Open Publication Infrastructures for Monographs) e membro do Board of Stewards do OBC (Open Book Collective). Atua principalmente no desenvolvimento operacional da coleção SciELO Livros, com a publicação de livros digitais, indexação de metadados, interoperabilidade e adoção do acesso aberto.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2442-0435>
E-mail: amanda.ramalho@scielo.org

Desafios para o Século XXI: coleções para uma reflexão sobre a contemporaneidade

As coleções, desenvolvidas pela Editora UEMG, têm o propósito de debater assuntos relevantes no contexto atual e de fundamental importância para a compreensão dos principais problemas contemporâneos enfrentados pela humanidade.





Em março de 2021, o Conselho Editorial da EdUEMG aprovou, em reunião ordinária, a criação de coleções baseadas em áreas temáticas transversais que serviriam como guias para publicações da editora. Naquele momento, a EdUEMG buscava reafirmar, em suas ações, o compromisso com o público leitor de editar e difundir conteúdos de qualidade – independentemente do suporte tecnológico – sempre preservando seu caráter público e humanista, incentivando o senso crítico por parte dos cidadãos e apoiando a tomada de decisões governamentais.

Nesse sentido, as coleções foram pensadas a partir dos temas **Biodiversidade, sustentabilidade e mudanças climáticas; Tecnologias digitais e sociedade; e Democracia, intolerância e violência**. Cada área foi escolhida por ser um assunto relevante no contexto atual e de fundamental importância para a compreensão dos principais problemas contemporâneos enfrentados pela humanidade. Além disso, as áreas foram escolhidas em conformidade com a nossa Política editorial e com os valores da UEMG de

Responsabilidade Social e Compromisso com as Políticas Públicas.

Em setembro do mesmo ano, foi divulgado o Edital N^o 02/2021, que selecionaria 9 obras originais e inéditas no âmbito dessas coleções, intituladas Desafios para o Século XXI. Ao final da submissão ao duplo parecer às cegas e ao nosso Conselho Editorial, dos originais recebidos foram aprovadas 6 obras, sendo 3 coletâneas e 3 obras monográficas.

Os 6 títulos publicados até o momento visibilizam pesquisas assentadas nos campos de interesse para os temas propostos, aportando debates e gerando discussões e novos pontos de vista sobre assuntos como ameaças à democracia, imigração, violência contra as mulheres, medidas de proteção ao meio ambiente e relações do homem com as novas tecnologias.

A primeira obra da coleção, publicada ao final de 2022, se chama *Identidades em transformação: examinando a trajetória de refugiados venezuelanos*, de Caroline Nascimento Lehmann e Reinaldo de Azevedo Schiavo. Desenvolvida

a partir de um projeto de iniciação científica, a pesquisa, que se converteu em livro, investiga o processo de migração, as nuances e estigmas envolvidos, a partir da análise da trajetória de uma família venezuelana que se instalou na cidade de Barbacena (MG).

O segundo livro, *Movimentos sociais e educação: mútuas influências*, cuja autoria pertence a Marcel de Almeida Freitas e Inês de Oliveira Noronha, traz uma reflexão sobre alguns dos chamados “novos movimentos sociais” presentes no país e como eles interagem com a educação e seus processos.

Federalismo e democracia: reflexões contemporâneas é a terceira obra da coleção. Organizada por Christiane Costa Assis, a coletânea versa sobre as dinâmicas estabelecidas entre democracia e federalismo no cenário brasileiro, analisando, dentre outras questões, as fragilidades existentes.

A quarta e a quinta obra são, respectivamente, *Ser mulher no século XXI: desafios, direitos, conquistas e vivências*, organizada por Daniela Oliveira R. dos Passos, Ana Paula Andrade e Rayane Silva Guedes, e *Tecnologias vestíveis: memória e intimidade sobre o corpo*, de Thatiane Mendes Duque. A primeira reúne estudos e reflexões de diferentes pesquisadoras sobre as questões vivenciadas pelas mulheres na contemporaneidade. A segunda é uma investigação sobre as relações entre corpo, roupa e as chamadas “tecnologias vestíveis”, a exemplo dos relógios de pulso inteligentes, analisando as experiências que advêm dessas novas formas de interação.

Por fim, a outra obra aprovada no Edital Nº 02/2021 que integra as coleções é *Diferentes olhares sobre a biologia da conservação*. Organizada por Renan Nunes Costa, Marciane da Silva Oliveira e Alessandro Marques de Oliveira, essa coletânea traz textos acerca da biologia da conservação, com a intenção de aproximar a sociedade de diversos conceitos e discussões dessa área.



Os livros reúnem, portanto, investigações de relevância nacional, regional e internacional, com perspectivas teóricas baseadas nos estudos sociais, políticos e ambientais mais recentes, sem deixar de considerar as especificidades da realidade brasileira.

Os organizadores e autores são pesquisadores da UEMG, ou que se relacionam com a Universidade. Assim, as obras observam a pluralidade de relações entre grupos de estudos e instituições de ensino e de pesquisa, contemplando, inclusive, textos em línguas estrangeiras – como o artigo *Environmental Federalism in Brazil and the economic analysis of law*, escrito por Laís Barreto Barbosa para o livro *Federalismo e Democracia: reflexões contemporâneas*. Dessa forma, enriquecem-se as perspectivas e investigações que as coleções vêm trazendo ao público.

As coleções Desafios para o Século XXI possuem, ainda, uma identidade visual própria, que reflete as temáticas abordadas e promove uma conexão visual entre as obras. Os livros são planejados desde o início como um produto digital, com recursos interativos como sumários, capítulos e referências hiperlinkadas e conteúdo multimídia.

Mais que discutir os desafios para o século em que vivemos, as coleções apresentam bases sólidas de pesquisa social e humanística, que podem oferecer caminhos para a compreensão e enfrentamento desses desafios.

A Feira do livro de acesso aberto

Evento de divulgação de livros científicos gratuitos conquista o público e ganhará novas edições.



Peças de divulgação da Feira
Acervo EdUEMG

É possível democratizar ainda mais o conhecimento produzido nas instituições de ensino e pesquisa? De que maneira as novas tecnologias podem servir melhor aos interesses da comunidade acadêmica? Como fazer para que os livros produzidos pelas editoras universitárias e acadêmicas cheguem ao público? Essas foram algumas das questões que instigaram a Editora UEMG a promover a 1ª Feira do livro de acesso aberto, primeiro evento literário desse tipo no país.

Promovida entre os dias 18 de outubro e 6 de novembro de 2023, a feira *on-line* disponibilizou, em um *hotsite* exclusivo, mais de 500 livros científicos gratuitos, publicados por 29 editoras universitárias de todas as regiões do país. O que inicialmente se propunha a ser um evento de caráter experimental, provou-se uma iniciativa inovadora, já que promoveu a “encontrabilidade” e o acesso ao rico material de acesso aberto em formato digital publicado pelas editoras acadêmicas brasileiras. Tal fato

pôde ser evidenciado por alguns números apurados: foram mais de 97 mil acessos à página da feira, com mais de 66 mil cliques nos livros – uma média de 3,3 mil por dia. A repercussão do evento em veículos de informação, como o *Publish News*, a *Agência Minas*, o *Estado de Minas* e o *Boletim Tatuí*, também reforçaram seu impacto no contexto da edição acadêmica.

Dessa forma, a feira representou um importante marco, não só para a história da Editora UEMG, no ano em que completou 15 anos, mas também para a edição acadêmica e seu fortalecimento no contexto brasileiro. Assim,

foi uma bem-sucedida novidade no universo das editoras universitárias, contribuindo para o compartilhamento dos resultados das pesquisas realizadas no interior das instituições de ensino superior do país.

Com isso, já está programada a 2ª edição da feira, que ocorrerá entre os dias 1º e 18 de outubro de 2024. Espera-se que o evento seja ainda mais impactante, com a participação de mais editoras e uma divulgação ainda maior, reforçando, assim, o compromisso da Editora UEMG em democratizar e ampliar o acesso ao conhecimento.

1ª FEIRA do LIVRO de ACESSO ABERTO
18 a 31 de outubro

Acesse livros científicos digitais e gratuitos de diversas áreas e editoras no link:
editora.uemg.br/feira-do-livro

Apoio: ABEU Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Realização: Editora UEMG 15 anos

Cartaz de divulgação da Feira
Acervo EdUEMG

1ª FEIRA do LIVRO de ACESSO ABERTO

De 18 a 31 de outubro de 2023, a feira reunirá títulos selecionados de diversas editoras e os respectivos catálogos com centenas de livros científicos de acesso aberto.

ACESSE AQUI OS LIVROS DA FEIRA
EDITORAS PARTICIPANTES
BLOG DA FEIRA

Blog da Feira |

11 Acesso aberto, livro gratuito, leitor informado
por Rosângela de Fátima de Aguiar. Livro e artigo de Rosângela de Fátima de Aguiar.

09 Está chegando!
A feira para o 1º ano de acesso aberto já está chegando! De 18 a 31 de outubro a feira...

02 Comunidade acima da comercialização
Neste dia, a comunidade é o foco da feira de acesso aberto. Confira a programação de eventos...

Editoras participantes |

Feira edição do livro: 15 editoras universitárias participantes, todas com catálogos de livros de acesso aberto. Confira abaixo os **expostores de e-books para download** de cada editora.

1ª FEIRA do LIVRO de ACESSO ABERTO

Realização: Editora UEMG 15 anos

Apoio: ABEU Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Hot site da Feira
Acervo EdUEMG

Editora UEMG

Rodovia Papa João Paulo II, 4143. Ed. Minas, 8º andar, Cidade Administrativa, bairro Serra Verde, BH-MG, CEP: 31630-900.

(31) 3916-9080 | editora@uemg.br | editora.uemg.br



[@EditoraUEMG](https://www.facebook.com/EditoraUEMG)



[@editora_uemg](https://www.instagram.com/editora_uemg)



[EditoraUemg](https://twitter.com/EditoraUemg)



[Editora UEMG](https://www.linkedin.com/company/EditoraUEMG)

UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



editora | UEMG

Apoio:

